

# COMPREENENDO CENTENÁRIOS: religiosidade/ espiritualidade, limitações e maus-tratos

Maurício Parada Paim Filho

Elaine Pedreira Rabinovich

## RESUMO

Esta pesquisa visou compreender como centenários estão vivendo esse período de vida. Para tal, utilizou narrativas de centenários focalizando momentos importantes de suas vidas e aspectos que permitiram ao entrevistado chegar à idade atual. Tais relatos foram analisados à luz da literatura. Participaram do estudo quatro idosos, dois homens e duas mulheres, dois da Região Metropolitana de Salvador\Ba e dois da zona rural de Alagoinhas\Ba. Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados questionário biopsicossocial e roteiro de entrevista, com duas questões abertas. A análise foi organizada nos seguintes categorias temáticas: religiosidade/ espiritualidade e limitações físicas, sensoriais, cognitivas e maus-tratos. Os resultados indicaram que: os idosos recorrem à religiosidade/espiritualidade como fonte principal de significado a vida, evidenciando um ser absoluto como responsável por terem vivido até o atual momento. Além disso, notou-se que os idosos narram questões associadas à perda de funcionalidade, limitações físicas, sensoriais, cognitivas e, em um dos idosos, maus-tratos. Concluiu-se que a religiosidade/espiritualidade aparece como um potente recurso que permite aos idosos darem sentido à vida no atual momento das suas existências e que as limitações associadas à velhice e ao envelhecimento representam um grande desafio para a vivência dos idosos centenários.

**Palavras-chave:** Centenários; Religiosidade; Espiritualidade; limitações; maus-tratos.

## 1. INTRODUÇÃO

Kumon et al (2009) definem os centenários como “sobreviventes que chegaram aos cem anos, ou seja, viveram cerca de 20 anos a mais do que a expectativa de vida média dos países desenvolvidos” (p. 214). A partir dessa definição, entende-se que, devido a determinados fatores biopsicossociais, alguns indivíduos conseguem viver muito mais tempo do que o restante da população.

No Brasil e no mundo existe um aumento crescente da população de centenários. Segundo o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), foram identificados 16.989 mulheres e 7247 homens com idade igual ou superior a 100 anos, resultando um total de 24. 236 brasileiros centenários.

Na atualidade, há no mundo mais de 300 mil idosos centenários. Esse segmento populacional ainda é uma pequena parcela da população total (REIS;

TURRA, 2016). Porém, comparando-se com décadas anteriores, nota-se um aumento considerável de pessoas com idade igual ou superior a 100 anos.

A maior parte desses idosos mais velhos está em países desenvolvidos ou de primeiro mundo. Dentre esses países desenvolvidos, o Japão é o país que mais concentra centenários, chegando a mais de 70 mil (REIS & TURRA, 2016). Nos países desenvolvidos, os idosos têm acesso a uma melhor alimentação, saneamento básico de qualidade, maior qualidade de vida e, por conseguinte, uma maior expectativa de vida em relação aos países em desenvolvimento. Esses e outros fatores podem ser responsáveis pela maior concentração desses idosos longevos nesses países.

Kumon et al. (2009) expõem alguns determinantes que podem estar associados ao aumento da longevidade entre os idosos. Para eles, os fatores relacionados a um envelhecimento saudável são: “genética, estilo de vida, condições ambientais, hábitos alimentares, espiritualidade, humor, baixo nível de estresse, suporte familiar, moderação e, sobretudo, atitude positiva diante da vida” (KUMON et al, 2009, p. 213). Porém, os referidos autores acrescentam que não existe um perfil único desses indivíduos longevos ou uma “receita única para alcançar a longevidade”, já que cada centenário é singular e possui vivências únicas que permitiram alcançar a atual idade.

Biolchi, Portella e Colussi (2014) alertam que o maior número de centenários é do público feminino e acrescentam que existe uma relação de proporção entre o aumento da idade dos idosos e o aumento de condições disfuncionais importantes como: demência, desordens cognitivas e órgãos sensoriais prejudicados, principalmente a visão e a audição.

Face esse aumento acentuado dos idosos mais velhos, torna-se extremamente relevante um estudo que busca, a partir de uma análise psicológica, entender como os idosos estão vivenciando esse momento de suas vidas, a partir das suas narrativas. Com essas narrativas, pode-se acessar um maior nível de conhecimento sobre esse período do desenvolvimento humano, a fim de que possam ser construídas propostas de intervenções psicossociais preventivas, pelos órgãos governamentais, para um envelhecimento ativo e de qualidade.

Visa-se também, com esse estudo, assim como o de Kumon e al (2009), disseminar informações sobre os idosos centenários no meio científico e para

qualquer pessoa que esteja trabalhando de forma direta ou indireta com Gerontologia e Geriatria.

O objetivo geral deste estudo foi compreender e analisar como idosos centenários estão vivenciando e narrando a sua etapa atual de desenvolvimento na contemporaneidade baiana à luz do pensamento psicológico. Os objetivos específicos foram: perceber a importância da religiosidade e espiritualidade para os idosos centenários; compreender como eles narram as limitações físicas, sensoriais e cognitivas associadas à velhice e ao envelhecimento.

## **2. APORTES TEÓRICOS**

Para Aboim (2014), no mundo está existindo uma alteração irrefutável na configuração demográfica dos países, causada pelo aumento constante e notável da população idosa. Para essa autora, dois fatores estão intimamente relacionados a esse aumento: crescimento da expectativa média de vida e queda abrupta e contínua nas taxas de natalidade.

Neste sentido, em uma sociedade na qual a juventude, o lucro e o adiamento do envelhecimento são valorizados, promove-se “a ideia de resistência e recusa da inevitabilidade do envelhecimento” (ABOIM, 2014, p. 210). Assim, investe-se maciçamente na indústria da estética e de cosméticos, para que se tenha, a todo custo, o tão sonhado rejuvenescimento corporal. As consequências desse processo podem variar desde uma queda na autoestima dos idosos até atitudes discriminatórias de alguns segmentos populacionais para com a população de velhos.

De maneira análoga, Couto et al. (2009, p. 510) expõem que “aos idosos associam-se usualmente estereótipos negativos, os quais contribuem para a manutenção da percepção social negativa e homogênea que se tem acerca do envelhecimento (e.g., ‘Os idosos são solitários e dependentes’)”. Ante esses dados de realidade, a autopercepção dos idosos pode ser abalada, já que o envelhecimento é um processo biopsicossocial subjetivo extremamente influenciado pelo contexto cultural em que se está inserido.

A partir disso, surge em 1969, o termo “ageísmo”, criado por Robert Butler, que significa uma forma de preconceito que se relaciona à idade da pessoa (COUTO et al., 2009). Embora qualquer pessoa esteja suscetível a sofrer essa forma de

intolerância, os públicos mais vulneráveis, idosos e crianças, são os alvos mais atingidos pelo referido preconceito.

Esse preconceito é resultado de um pré-conceito de que a figura do velho é visto como algo ultrapassado, cercado por inutilidade e disfuncionalidade. Para Oliveira, Fernandes e Carvalho (2011), essa percepção do idoso, na contemporaneidade capitalista, é resultado da concepção de que se o idoso não é mais parte integrante da lógica de trabalho e produção. Destarte, ele não estaria mais ativo para a sociedade, pelo fato de que alcançou uma idade considerada improdutiva. Esse dado influencia, de modo significativo, o aparelho psíquico e a vivência da maior parte dos idosos.

As perdas dos papéis sociais, a perda do convívio com os (as) “amigos (as)” do trabalho, o deslocamento hierárquico de quem mandava para quem, hoje, obedece, às restrições, à dependência e a falta de autonomia são fatores que aparecem, muitas vezes, na vida dos idosos e causam um impacto significativo na suas dimensões: psicológica e social (SCHWARZ, 2008). Isso pode vir acompanhado também do “sentimento de inutilidade, fracasso, de ter que ceder seu lugar para os mais jovens e esperar a morte” (PAPALIA; OLDS, 2000 citado por SCHWARZ, 2008, p. 38).

Barboza (2011) diz que muitos idosos centenários utilizam da espiritualidade e da religiosidade para lidar, de uma forma menos traumática e negativa, com o preconceito social e com os desafios inerentes à velhice e ao envelhecimento. Para a autora, a religiosidade é entendida como a manifestação de crenças diferentes.

Por sua vez, a espiritualidade é entendida como algo que remete a uma experiência de transcendência da fé em um ser maior e absoluto, produzindo, dentro de nós, mudanças. Por fim, transcendência é definida como uma “dimensão de abertura, de romper barreiras, de superar interditos, de ir para além de todos os limites (BOFF, 2000 citado por BARBOZA, 2011, p. 32)

No estudo de Vilela, Carvalho e Araújo (2006), que teve como objetivo conhecer a representação do envelhecimento bem-sucedido para um grupo de 32 idosos que frequentavam um grupo de convivência da terceira idade, ficou nítida a importância da religiosidade na vida dos idosos. A partir das entrevistas com os idosos, é perceptível que a oração e a fé em algo superior contribuíram para o envelhecimento saudável, pois a religiosidade é vista como “fonte potencial de

significado pessoal e bem-estar espiritual, de aceitação da morte, do encontro de um sentido de transcendência para a vida, e de satisfação com a vida” (p. 111).

Dado o exposto, a partir desse estudo (VILELA, CARVALHO & ARAÚJO, 2006) torna-se evidente que a religiosidade e a espiritualidade funcionam como elementos que permitem dar sentido à vida, ao envelhecimento e à velhice. Na espiritualidade, os idosos atribuem às coisas que acontecem em sua vida a um ser absoluto e superior a eles, estabelecendo significado para as suas vivências.

Outro tema associado à velhice e ao envelhecimento são as limitações físicas, cognitivas e sensoriais que, em parte dos idosos, tornam-se novos companheiros neste período de suas vidas. Esse novo elemento promove, geralmente, na vida dos idosos, várias mudanças e readaptações.

Ribeiro et al. (2017) afirmam que “envelhecer pode representar um acúmulo de perdas sucessivas ao longo da vida que incluem: limitações físicas, doenças, aposentadoria e outras perdas que se caracterizam como mortes simbólicas” (p. 881). A partir do pensamento desses autores, chega-se à compreensão de que, no caso de alguns idosos, o envelhecimento pode se apresentar como um processo que exige uma readaptação a uma nova realidade marcada por mudanças significativas.

No mesmo estudo, Ribeiro et al. (2017) defendem a ideia de que os idosos devem enfrentar ativamente essas limitações de forma ativa para que possam lidar com as consequências psicológicas negativas influenciadas por esse momento de desestabilização e desequilíbrio.

Os referidos autores acrescentam que o enfrentamento de pessoas idosas é diferente daqueles executados por pessoas de outra idade. Antes de entrar na velhice os indivíduos enfrentam, na maior parte dos casos, problemas associados ao trabalho, finanças, manutenção do lar, vida pessoal e amigos. Porém, os idosos enfrentam aspectos problemas associados às limitações provenientes do envelhecimento (RIBEIRO et al., 2017, p. 881).

Outro desafio que limita e promove sofrimento significativo à população idosa são os maus-tratos. Lopes et al. (2018) dizem que

a Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza a definição de violência contra idosos como sendo qualquer ato ou falta de ato, único ou repetido, proposital ou impensado causando danos e sofrimento desnecessário e uma redução de qualidade de vida da pessoa idosa. A mesma pode ser

praticada dentro ou fora do ambiente doméstico, por algum membro da família ou ainda por pessoas que exerçam uma relação de poder sobre a pessoa idosa, como, por exemplo, cuidadores (p. 653)

Com isso, os maus-tratos estão relacionados a qualquer ação ou omissão por parte de terceiros que promova danos e sofrimento para o indivíduo com mais de 60 anos. Esse fenômeno social promove a obliteração dos direitos dos idosos que são defendidos e assegurados no Estatuto do Idoso que se baseia na Lei Nº 10.741 (BRASIL, 2013). A violência ou maus-tratos são questões graves de saúde pública que devem ser extintos o quanto antes do contexto social.

### **3. MÉTODO**

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo-descritivo que foi realizada na Região Metropolitana de Salvador/Bahia e Alagoinhas\BA. Participaram do estudo 04 idosos, um homem e três mulheres. Dois desses idosos eram da Região Metropolitana de Salvador\Ba (um reside em uma ILPI e o outro em um lar familiar) e os outros dois eram da zona rural de Alagoinhas\Ba. Os centenários atenderam pelos seguintes nomes fictícios: João Carlos (100 anos); Alice Souza (100 anos); Conceição da Silva (101 anos) e Gabriela Martins (105 anos).

Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, com questões abertas, como: “A que o senhor atribui ter vivido até hoje?” ou “O que o senhor lembra de mais significativo em sua vida?”. Essas e outras perguntas derivadas da entrevista auxiliaram na compreensão e significado da longevidade para esses idosos, objetivo principal deste estudo. Utilizou-se também um questionário biopsicossocial contendo perguntas sobre as diferentes dimensões do sujeito. As gravações das entrevistas foram transcritas, integralmente pelo pesquisador.

Foi feita a análise de conteúdo temático (MINAYO, 2014), evidenciando aspectos que mais apareciam nos relatos dos entrevistados e que podiam ser relacionados aos conceitos junguianos. O projeto foi inicialmente enviado à Plataforma Brasil e foi aceito sob o número do parecer 3.387.623.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da entrevista. O acesso aos entrevistados se deu por conveniência e os critérios de inclusão foram ter idade igual ou superior a 100 anos e não ter déficit auditivo ou verbal que impedisse a condução e qualidade da entrevista.

Dois dos entrevistados (João Carlos e Conceição) foram contatados por meio de uma pessoa conhecida do entrevistador que trabalha em um Posto de Saúde da cidade de Alagoinhas\BA e conhecia os idosos. Outra idosa (Gabriela) foi entrevistada em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (onde ela vive) e se localiza próximo à casa de um dos pesquisadores em Salvador. Por fim, a última idosa (Alice) foi acessada por meio da família de um dos pesquisadores que conhecia a idosa que tinha acabado de fazer 100 anos.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A seguir, apresentaremos exporemos as categorias temáticas que foram evidenciadas nas falas dos idosos entrevistados. Foram elas: religiosidade e espiritualidade; limitações físicas, sensoriais, cognitivas e maus-tratos.

##### **4.1 RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE**

Esta categoria temática foi observada nos relatos de todos os entrevistados. Quando indagada a seguinte pergunta: “A que o(a) senhor(a) atribui ter vivido tantos anos?”; João Carlos responde que está vivo por que Deus que permite isso. Atribui à sua espiritualidade, um ser absoluto, o fato de viver tanto tempo. De forma análoga, Conceição, quando perguntada sobre o aspecto acima, responde “Eu faço a fé no Senhor Jesus, você sabe?” e acrescenta: “Se Deus não quisesse, eu não estaria viva”.

Outra idosa, Alice, também atribui a Deus o fato de estar viva: “Estou viva pelas graças de Deus”. Acrescenta que não há nenhum outro fator associado à sua longevidade, por ex.: alimentação, estilo de vida, prática de exercícios, como advogado por gerontólogos, sendo somente Deus e a sua fé, os responsáveis por viver até o atual momento. E a idosa acrescenta: “Estou viva, porque Deus está me sustentando”.

A última idosa, Gabriela, diz que está viva, “porque o Senhor Jeová quer que eu viva”. Acrescenta: “Eu penso, em primeiro lugar, que eu estou viva, porque Deus quis (risos)”.

A partir desses relatos, nota-se que esses idosos recorrem à sua espiritualidade e/ou religiosidade para dar significado e sentido às suas vidas. Barboza (2011), em seu estudo, relata que é possível diferenciar conceitualmente os termos “religiosidade”, “espiritualidade” e “transcendência”. Para a autora, a religiosidade é entendida como a manifestação de crenças diferentes. Já espiritualidade é entendida como algo que remete a uma experiência de

transcendência da fé em um ser maior e absoluto, produzindo, dentro de nós, mudanças.

A partir do estudo de Barboza (2011), percebe-se que os idosos do presente estudo recorrem à sua espiritualidade para atribuir sentido às suas existências e que Deus surge como suporte, proteção e explicação para as suas vivências. Como não encontram uma explicação física, objetiva e concreta para as coisas que acontecem durante as suas vidas, os idosos recorrem a algo maior, subjetivo, cósmico e transcendente para dar razão às coisas que elas vivem. A Espiritualidade torna-se um elemento que guia a visão dos idosos em suas velhices singulares e subjetivas.

O resultado do presente estudo é compatível com o estudo de Vilela, Carvalho e Araújo (2006), que teve como objetivo conhecer a representação do envelhecimento bem-sucedido em um grupo de 32 idosos que frequentavam um grupo de convivência da terceira idade. Neste estudo, está descrita a importância da religiosidade na vida dos idosos, em que a oração e a fé em algo superior contribuíram para o envelhecimento saudável. Os autores ressaltam a religiosidade é vista como “fonte potencial de significado pessoal e bem-estar espiritual, de aceitação da morte, do encontro de um sentido de transcendência para a vida, e de satisfação com a vida” (p. 111).

Outro estudo que trata da relação entre espiritualidade e longevidade é o de Souza (2011). Nesta dissertação, a autora defende que a religiosidade e a espiritualidade funcionam como potentes recursos que auxiliam os idosos a encontrarem sentido em situações negativas, aceitar a si mesmos e a se aproximar de outros religiosos que possam funcionar como fontes de apoio para seus problemas ou sofrimentos derivados da vida, da velhice e/ou do envelhecimento.

No presente estudo, os idosos centenários entrevistados também utilizaram da fé para dar sentido ao que se tornaram, ao modo como vivem e às coisas que vivenciam e não sabem o porquê ou não têm controle. Ademais, percebe-se que os termos ‘espiritualidade’ e ‘religiosidade’, mesmo tendo definições diferentes, estão interligados, pois existe uma linha muito tênue que os separa conforme visto nas narrativas dos idosos.

Assim, a crença em um ser absoluto que, para eles é Deus (espiritualidade), é, na maior parte das vezes, manifestada através das suas crenças diferentes (religiosidade). Supõe-se que esses dois recursos contribuem, junto com outros fatores biopsicossociais, para um envelhecimento com melhor qualidade de vida.



## **LIMITAÇÕES FÍSICAS, SENSORIAIS E COGNITIVAS E MAUS-TRATOS**

Nesta categoria temática, todos os idosos, exceto Gabriela, relataram ou mostraram algum tipo de limitação associada à sua velhice ou ao seu envelhecimento. Na entrevista com João Carlos, o idoso apresentou limitação cognitiva, manifestada pela fala curta e embolada, perda significativa da audição indicada pela dificuldade em escutar o que as outras pessoas falam; limitações físicas por não conseguir andar muito e logo se cansa ou sente dores no corpo. Essas limitações influenciaram o relato de João Carlos que foi bem enfático no sentido de ter uma vontade intensa de falecer. O idoso chega a dizer que “é melhor que Deus me leve logo”, denotando cansaço ou tristeza com a vida que leva.

Conceição relata que “está caducando”, pois não consegue se lembrar das coisas, pois esquece com muita facilidade. “Estou esquecendo tudo”. Acrescenta que sente, às vezes, muita dor na lombar, derivada, segundo ela, de todo peso que pegava em seu trabalho- “Eu já trabalhei muito, meu filho”.

Alice se ressentida de déficit visual em alto grau, pois relata que só vê as coisas embaçadas, não conseguindo enxergar as coisas de forma nítida. A idosa relata que isso é um dos pontos negativos da velhice que a deixa muito triste. Ela diz “gostaria de poder enxergar como antes”.

Segundo Mazo et al. (2018), “o envelhecimento, muitas vezes, é acompanhado de doenças crônicas e limitações físicas, produzindo alterações na qualidade de vida dos idosos” (p.2). No estudo de Mazo et al. (2018), assim como o presente estudo, verificou-se que dos quatro centenários entrevistados, três apresentaram autopercepção positiva sobre sua qualidade de vida em relação ao ambiente e mais negativa em relação à sua saúde.

Embora a percepção dos idosos sobre sua saúde, na velhice, tenda a ser mais negativa em virtude das limitações, doenças e desafios que aparecem em virtude da longevidade, pode-se observar, como relatado acima, que aceitam o seu momento vivencial de modo positivo.

Ribeiro et al. (2017) fizeram uma revisão integrativa, realizada de forma sistêmica e ordenada metodologicamente, para atender ao objetivo do estudo que era identificar e sintetizar estudos que versassem sobre as estratégias de enfrentamento por pessoas idosas para lidar com o envelhecimento e com a morte.

Os resultados desse estudo indicam que as principais perdas elencadas pelos idosos, nos estudos analisados, foram:

perda da funcionalidade; perda na qualidade das relações emocionais; morte de entes queridos; menor integração social; redução de bens materiais; perda financeira; redução da cognição; perda da sensação de domínio; perda da sensação de ser útil, redução do bem-estar subjetivo e da qualidade de vida (RIBEIRO et al., 2017, p. 883).

Os autores acrescentam que as principais estratégias de enfrentamento para as perdas supracitadas foram “luto antecipado, desejo de morrer, isolamento, submissão, negociação, aceitação, acomodação, procura por suporte social, procura por conforto espiritual e viver o momento” (p.883). A partir desse estudo, os autores, além de trazerem informações sobre as principais perdas associadas ao envelhecimento, preocupam-se em trazer propostas de intervenções efetivas da literatura.

Além de todas as limitações e perdas supramencionadas, os idosos, muitas vezes, ainda se deparam com situações de violência e maus-tratos. No presente estudo, notou-se que um dos idosos centenários entrevistados, João Carlos, encontrava-se nessas referidas condições. Logo que chegou para realizar a entrevista, o pesquisador notou que o idoso centenário estava sujo, com roupas rasgadas, com a boca suja, com um cheiro ruim (associado à falta de banho) e deixado em um banco na varanda. O sofrimento associado às perdas, às limitações e aos maus-tratos devem ter influenciado significativamente no desejo intenso que o idoso possui de morrer.

Lopes et al. (2018) definem a violência\maus-tratos ao idoso como sendo “qualquer ato ou falta de ato, único ou repetido, proposital ou impensado causando danos e sofrimento desnecessário e uma redução de qualidade de vida da pessoa idosa” (p. 653).

Garbin et al (2016) afirmam que os idosos são um segmento populacional que está altamente vulnerável a sofrer maus-tratos, “na medida em que necessitam de mais cuidados com a saúde e podem apresentar dependência física ou mental” (p. 88).

Uma das grandes dificuldades em relação ao diagnóstico da violência familiar diz respeito ao segredo ou conluio familiar, pois este faz com que os idosos violentados não denunciem os seus agressores. Isso se deve, sobretudo, à vinculação à honra, à cumplicidade, à confiança estabelecidas no âmbito familiar, pelo medo da vítima em quebrar esses vínculos, além do

autoritarismo e pressão psicológica exercidos pelo agressor (GARBIN et al., 2016, p. 88)

Quando se trata de uma violência intrafamiliar torna-se mais difícil a comprovação do ato, pois existem vários componentes emocionais e de vínculo que acaba, de uma forma geral, gerando o grande silêncio sobre o tema. É necessário afirmar que a violência\maus-tratos são crimes que promovem sofrimento à população idosa. Ademais, interferem na obliteração dos direitos dessa população, os quais são expostos e assegurados pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013).

De acordo com o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013), em casos de violência contra a população idosa, deve-se informar a órgãos públicos responsáveis para que os culpados possam ser investigados e punidos. Face os dados expostos, nota-se que a violência\maus-tratos são elementos que promovem sofrimento aos longevos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os fatores envolvidos na longevidade são biopsicossociais, não havendo um fator único associado a essa vivência prolongada (KUMON et al, 2009), sendo que o maior número de idosos centenários é do sexo feminino (BIOLCHI; PORTELLA; COLUSSI, 2014). Além disto, quanto mais longo o indivíduo, maior a probabilidade de apresentar condições disfuncionais importantes como demência, desordens cognitivas e órgãos sensoriais prejudicados, principalmente a visão e a audição (BIOLCHI; PORTELLA; COLUSSI, 2014).

A espiritualidade e a religiosidade representam elementos cruciais na vida dos centenários, pois esses aspectos permitem ao longo tempo a possibilidade de explicar fenômenos que acontecem em sua vida e sobre os quais não têm controle, como estar vivos até o presente momento. Todos atribuem a responsabilidade de tudo que acontece em suas vidas a um ser absoluto superior (Deus).

Observou-se também narrativas associadas à perda da funcionalidade, limitações físicas, sensoriais, cognitivas e, em um dos idosos, maus-tratos. Todas essas condições promovem sofrimento psíquico significativo nos idosos que, para conseguir se adaptar a esse contexto, precisam ser criativos, maduros e resilientes. Deste modo, a velhice e o envelhecimento promovem diversas consequências biopsicossociais para os indivíduos que nela estão inseridos. No entanto, o envelhecimento e a velhice são fenômenos desenvolvimentais que são

interpretados de maneira subjetiva e singular por cada centenário(a) que está imerso nesse processo.

## REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade Contemporânea. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, p.207-232, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/13.pdf>. Acesso em 20 de setembro 2019.

BARBOZA, T. A. **Idosos centenários: arte de envelhecer**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza\CE, 2011. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15794/1/2011\\_dis\\_tabarboza.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15794/1/2011_dis_tabarboza.pdf). Acesso em: 25 de outubro 2019

BIOLCHI, C. S. da.; PORTELLA, M. R.; COLUSSI, E. L. Vida e velhice aos 100 anos de idade: percepções na fala dos idosos. **Estud. Interdiscipl. Envelhec.**; v. 19, n. 2, p. 583-598, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/37220/32766>. Acesso em: 20 de maio 2020.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Ministério da Saúde. Brasília-DF. 2013. Disponível em: [http://bvs.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto\\_idoso\\_3edicao.pdf](http://bvs.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf). Acesso em: 25 de maio 2020

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **População – Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação – Índice de Envelhecimento**. Distrito Federal, Brasília/Brasil, 2016 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 01 dez. 2019

COUTO, M.C.P. et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro: ageísmo. **Teoria & Pesquisa**, Brasília, DF, v. 25, n. 4, p. 509-518, out./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n4/a06v25n4.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2020.

GARBIN, C. A. S. Idosos vítima de maus-tratos: cinco anos de análise documental. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro. 19(1).87-94.2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n1/pt\\_1809-9823-rbgg-19-01-00087.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n1/pt_1809-9823-rbgg-19-01-00087.pdf). Acesso em: 24 de maio 2020.

KUMON, M. T.; et al. Centenários no mundo: uma visão panorâmica. **Kairós**, v.12, n. 01, p. 213-232, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2788/1823>. Acesso em 16 de maio 2020.

LOPES, E. D. S. et al. Maus-tratos a idosos no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 652-662. 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v21n5/pt\\_1809-9823-rbgg-21-05-00628.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v21n5/pt_1809-9823-rbgg-21-05-00628.pdf). Acesso em 18 de maio 2020

MAZO, G. Z. Qualidade de vida e atividade física de idosos centenários. **Revista Brasileira Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v.10, n.3. 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/8083>. Acesso em 10 de Janeiro 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec. 2014

OLIVEIRA, Michelly Cristina Rodrigues de; FERNANDES, Marla; CARVALHO, Rosana Ribeiro. O papel do idoso na sociedade capitalista contemporânea: uma tentativa de análise. **V. Jornada Internacional de Políticas Públicas**. 7p, 2011. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/TRANSFORMACOES\\_NO\\_MUNDO\\_DO\\_TRABALHO/O\\_PAPEL\\_DO\\_IDOSO\\_NA\\_SOCIEDADE\\_CAPITALISTA\\_CONTEMPORANEA.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/TRANSFORMACOES_NO_MUNDO_DO_TRABALHO/O_PAPEL_DO_IDOSO_NA_SOCIEDADE_CAPITALISTA_CONTEMPORANEA.pdf). Acesso em: 10 de abril 2020.

REIS, C. S.; TURRA, C. M. Distribuição Espacial dos centenários no Brasil: uma análise exploratória da qualidade dos dados dos censos de 2000 e 2010. **Revista Espinhaço**, v. 5, n. 1, p. 48-56. 2016. Disponível em: <http://www.revistaespinhaco.com/index.php/journal/article/view/100/95>. Acesso em 05 de fevereiro 2020.

RIBEIRO, M. S. et al. Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. *Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro. 20(6). p. 880-880. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n6/pt\\_1809-9823-rbagg-20-06-00869.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n6/pt_1809-9823-rbagg-20-06-00869.pdf). Acesso em 02 de maio de 2020.

SCHWARS, L. R. **EnvelheSer- A busca do sentido da vida na terceira idade**. Uma proposta de psicoterapia Grupal Breve de Orientação Junguiana Tese (Doutorado): Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16122008-161154/publico/schwarz\\_do1.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16122008-161154/publico/schwarz_do1.pdf). Acesso em: 15 de outubro 2019.

SOUZA, T. B. G. **Religiosidade e envelhecimento: panorama dos idosos do município de São Paulo**: Estudo SABE. Dissertação (Mestrado): Universidade De São Paulo-Escola de Enfermagem. São Paulo. 2011. Disponível em: <http://hygeia3.fsp.usp.br/sabe/Teses/Thais.pdf> Acesso em: 10 de maio 2020

VILELA, A.; CARVALHO, P.; ARAÚJO, R. Envelhecimento bem-sucedido: representação de idosos. **Revista Saúde.com**, v. 2, n. 2, p. 101-114. 2006. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/75>. Acesso em 10 de maio de 2020.